

Tão mais bonita



# Tão Mais Bonita

TRADUÇÃO DE MARIA BEATRIZ MEDINA



Copyright © 2011 Cara Hoffman  
Copyright da tradução © 2012 Editora Intrínseca

TÍTULO ORIGINAL  
So Much Pretty

PREPARAÇÃO  
Julia Sobral

REVISÃO  
Aline Canejo  
Bruno Fiuza

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA  
Roberto de Vicq de Cumpitch

FOTO DE CAPA  
Matt Henry / Gallery Stock

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H647t Hoffman, Cara  
Tão mais bonita / Cara Hoffman ; tradução de Maria Beatriz  
de Medina. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

272p. : 23 cm  
Tradução de: So much pretty  
ISBN 978-85-8057-208-7

1. Ficção americana. I. Medina, Maria Beatriz. II. Título.

12-3324.

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para Noah*



# Prólogo

ESTÃO PROCURANDO UMA mulher de cabelo louro, castanho ou preto.

Uma mulher de olhos azuis, talvez castanhos ou verdes. Ela pode ter 1,70m ou 1,75m. O cabelo também pode ser ruivo, ou de uma cor artificial, como rosa ou branco.

Talvez pese entre 50 e 64 quilos e tenha uma cicatriz ou machucado no pescoço.

Ela trabalharia em algum lugar despercebida. Como garçonete, secretária ou operária. Pode ser estudante. Há uma forte possibilidade de que tenha um emprego não convencional. Um trabalho temporário na agricultura, na construção civil ou no turno da noite.

Ela tem força física e é articulada. Talvez fale inglês, espanhol ou francês. Pode estar em Nova York, no Illinois ou no Tennessee. No Canadá ou no México. Em lugares onde chove o dia todo ou em lugares onde a grama amarelou de tão seca. Em buracos entre a estrada e o campo, trilhas onde o leito do riacho secou. Pode estar em qualquer lugar.

Ela pode estar pegando carona ou usando transporte público, pode estar andando. Pode se chamar Jamie, Catherine ou Liz. Alexandra, Annie, Maria. Qualquer nome.

Talvez seja arredia. Talvez seja sensível e disposta a ajudar os outros.

Está sozinha e provavelmente sem dinheiro, e talvez confie em pessoas que não conhece.

As buscas aumentaram nos meses de primavera e verão, e ainda procuram por ela.

Como bem sabemos, para uma mulher que se encaixe nessa descrição, é muito fácil simplesmente desaparecer.

# Claire

NÓS TRÊS ÉRAMOS sonâmbulas.

Mais tarde, quando pensava sobre o que havia acontecido, dizia a mim mesma que ela estava andando enquanto dormia. Encenava um pesadelo. Andar durante o sono é coisa da nossa família. Sonhar enquanto se anda. Sonhar enquanto se fala. Sei que isso não é uma resposta. A resposta verdadeira é simples demais.

Tinha problemas de saúde? Pouco peso ao nascer? Dores de cabeça? Comportamento autodestrutivo? Mudanças súbitas de notas ou de amigos? Não.

Alice era uma alma de constância extraordinária. Saudável e atlética como o pai. À vontade onde quer que estivesse. Feliz na escola e feliz com todas as coisas fora da escola. Ginástica e trapézio. E, mais tarde, natação, construção, arco e flecha, tiro esportivo.

Sua dedicação era tão alegre, tão intensa. Como a sua felicidade, quando pequena, ao nadar no rio, ao construir a floresta de cartolina ou o Taj Mahal de papel. Certa vez, ela fez um móbile com centenas de origâmis de rãs, gafanhotos, bonecas e borboletas.

Nunca ficava entediada. Aos 16 anos, ainda tinha os mesmos amigos que aos 4. Os professores falavam que era uma “líder”. Era uma palavra que usavam muito, e, com certeza, isso faz parte do problema. “Uma Líder.” Mas também falavam que ela era sensível com as outras crianças, sempre muito carinhosa.

Não estou tentando justificar nada. Nem tentando arranjar desculpas para a minha filha.

Só estou descrevendo a realidade.



Antes de 14 de abril, as palavras “sou a mãe de Alice Piper” só tinham significado para mim. Agora, essas palavras são uma charada, um *koan*. Uma coisa que tenho de entender, embora nada vá mudar, embora a frase “nada vá mudar” fosse algo que havíamos combatido durante toda a nossa vida.

Os anos em que a criamos foram marcados por resultados decrescentes das nossas expectativas decrescentes. Mas nem sempre foi assim.

As coisas eram diferentes na cidade grande. Nós nos mudamos por causa do tio de Constant. Por causa dos sonhos de Gene sobre terra, ar e autonomia. Mas também por minha causa. Por causa do trânsito e do barulho e do cheiro de esgoto e das 70 horas por semana que eu trabalhava na Policlínica Gratuita para Pessoas sem Seguro, na Primeira Avenida.

Antes da mudança para o norte do estado, Gene e eu moramos na esquina da Rua Saint Mark com a Primeira Avenida. Depois disso, num apartamento de dois quartos na esquina da Primeira com a Sétima, com Constant e Michelle Mann, que também tinham terminado a residência no hospital e, como Gene e eu, planejavam trabalhar para os Médicos sem Fronteiras. Mudamos para a esquina da Primeira com a Sétima por causa do terraço, para que Gene tivesse espaço para plantar. Naquela época, todos, menos Gene, ficavam exaustos — às vezes bêbados de cair, com três horas de sono por noite, cochilando no metrô na volta para casa, vindo de Lenox Hill, ou cambaleando com olheiras, jaleco e sapato branco, chegando do Hospital Beth Israel ou da Policlínica. Todos nos sentíamos como mortos-vivos, sabíamos que estávamos em mau estado, com inveja de Gene, sobretudo depois, quando ele passou a ficar o dia inteiro em casa com a bebê. No fim das contas, mudar para Haeden era tudo o que queríamos.

Quando pegamos o carro e fomos para a casa com celeiro, passando por aquela região úmida e verde, estávamos empolgados. Finalmente, teríamos um lugar só nosso. A aparente beleza e a possibilidade daquilo tudo eram espantosas, algo que havíamos tentado construir nos últimos seis anos em Nova York, sem sucesso.

Até as casas pré-construídas e as casas de fazenda meio tortas, com bandeiras americanas e bandeiras pretas em prol dos prisioneiros de

guerra, pareciam estranhamente majestosas com tanta terra em volta, os trailers menores junto a riachos ou lagos.

Quando chegamos, eu pensava em Michelle, na época em que trabalhávamos juntas na Policlínica, dizendo que a responsabilidade de todas as pessoas inteligentes era prestar atenção ao óbvio. Como tínhamos deixado de ver a vantagem óbvia de toda essa terra? Uma casa inteira, com terreno, pelo preço de um quarto no Lower East Side. No segundo em que saímos do carro, levamos as nossas caixas para dentro e preenchi para o tio Ross o cheque do aluguel, pensei em como tudo aquilo começaria. Naquela ocasião, eu mal podia esperar que começasse.

Alice tinha 2 anos na época. Entramos, largamos as caixas e nos sentamos no chão da cozinha, nervosos e cansados da viagem, comendo alguns mirtilos que tínhamos comprado no caminho. Ela acabara de acordar e seu rosto estava plácido e o cabelo emaranhado, e se encostou em mim comendo mirtilos, o corpo quente e suave do sono. Então, a noite veio dos campos e iluminou o lugar com som e estrelas. As rãs chamavam lá do rio e os grilos cantavam debaixo das janelas, na grama. Era a primeira vez que Alice ouvia o barulho dos grilos, e saímos para a varanda juntos, Gene e eu, observando-a escutar agachada, calada e alerta, o corpo inteiro absorvendo o som. Os lábios entreabertos manchados de azul e os olhos brilhando.

Foi a felicidade de Alice, a sua alegria naqueles momentos, que me permitiu ficar lá mesmo anos depois, quando prestar atenção ao óbvio se tornou um horror.

E, durante muito tempo, não nos arrependemos da nossa visão peculiar. Da nossa tentativa de tirar a ironia dos slogans que pautavam a nossa vida. Frases que nos inspiravam e nos deixavam sem graça ao mesmo tempo. “Exija o impossível”, “Sob os paralelepípedos, a praia”, sentimentos anarquistas que adotamos na cidade grande, primeiro como piada, depois, finalmente, para consolarmos um ao outro, para nos lembrar de que éramos diferentes do nosso bando. Aquelas palavras — com toda a construção incessante e a destruição do mundo natural, e Gene ficando obcecado com “viver a solução” e demolir o agronegócio empresarial — pareciam mais pungentes naquela época do que quando revolucionários de verdade as haviam rabiscado nas

ruas de Paris, em 1968. Mesmo que não estivéssemos queimando carros nem paralisando a cidade, vivíamos no futuro estéril e violento que eles tinham imaginado, e com certeza estávamos decididos a destruir uma cultura cultivando outra.

Essa sensibilidade era só mais um jeito de sonambular, de sonhar. Não seguimos o nosso plano. Embora nós quatro tivéssemos sido aprovados no processo de seleção inicial dos Médicos sem Fronteiras, só um de nós partiu em missão. Gene e eu fomos agraciados com Alice; Constant se viu atormentado pelo conceito americano de liberdade, liquidez e mobilidade. Na época, essas mudanças não pareceram essenciais; pareceram, em vez disso, o melhor resultado possível, empolgante, uma libertação. E como podíamos deixar de admitir que o que procurávamos, ao entrar para os Médicos sem Fronteiras, era uma libertação? A absolvição do estilo de vida que a nossa carreira pós-residência parecia pedir. Um estilo de vida que deixava a nós quatro — e não a nossos colegas — enojados.

Aqueles primeiros anos em Haeden foram sossegados. Literalmente. Luxuosas noites de oito e dez horas de sono. Acordar com o silêncio e os pássaros em vez do trânsito. Nada de reuniões na clínica às seis da manhã. Cada estação com a sua beleza específica.

Invernos claros e tranquilos, presos em casa pela neve e assando pão juntos, sentados em torno do fogão a lenha, cada um de nós lendo em silêncio. Verões retumbantes com o zumbido e a harmonia alternada dos insetos. O prado diante da nossa casa crescendo alto e estranho com a chuva quente. Nadar no rio e cuidar da horta. Alice sabia falar muito bem quando nos mudamos, e adorava os sons, imitava-os. Ela nunca era ela mesma; era uma rã, uma sereia, um passarinho. O outono radiante passado a assar e enlatar pimentões, com o cheiro de fumaça de lenha no ar frio. E a primavera: a estação favorita de Alice, quando tudo volta à vida e faz calor, e há restos de neve, e então usávamos shorts e grandes botas de borracha e comemorávamos os primeiros botões e flores de açafão. O ar era exuberante e ainda frio e tinha cheiro de lama. Alice adorava correr pelo caminho de grama aparada até o rio. Naqueles primeiros verões, ela era da altura dos pés de arnica, só uma cabeça mais alta do que as plantas que flanqueavam as

trilhas entre o celeiro e o bosque. Adorava escalar as raízes expostas das árvores ao longo da margem do rio repleta de seixos e recolher pedras e esqueletos secos de lagostins. Ela era destemida.

Esperávamos que, dali a alguns anos, os nossos amigos viessem, construíssem, plantassem. Depois que Constant ganhasse o dinheiro que queria, que Michelle terminasse a sua missão, voltaríamos àquela terra, viveríamos, beberíamos, trabalharíamos pelos ideais que sempre tivemos. *Ajuda Mútua, Sem Tédio.*

Esperávamos que, quando Alice fosse maior, tivéssemos dinheiro suficiente para ter uma fazenda de verdade e para que eu voltasse a exercer a medicina de algum modo. Mas essas coisas nunca aconteceram, e prestar atenção aos aspectos mais sombrios do óbvio se tornou um modo ruim de viver caso quiséssemos permanecer felizes e fazer amigos.

O sono finalmente venceu. Passamos os nossos dias em Haeden numa espécie de torpor sonolento — alegres quando os nossos sentidos pediam que houvesse pânico, cegos ao nosso medo mais profundo, enquanto ele, nu no mato alto, aguardava.